

ARTIGO DE REVISÃO

**COTIDIANO E IMPLICAÇÕES DA VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES:
REVISÃO NARRATIVA DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DE
ENFERMAGEM. BRASIL, 1994-2008¹**

Letícia Becker Vieira*
Stela Maris de Mello Padoin**
Cristiane Cardoso de Paula***

RESUMO

A violência é um fenômeno complexo que tem, em suas raízes, a interação de fatores biológicos, econômicos, sociais, culturais, históricos, éticos e políticos. Os objetivos deste estudo foram identificar a produção científica brasileira de Enfermagem na temática da violência contra as mulheres; descrever o cotidiano da violência e discutir as implicações na saúde da mulher. Trata-se de estudo de revisão narrativa de literatura, com busca dos artigos pela base de dados LILACS, com as palavras “violência” and “mulher” or “mulheres”, no período de 1994 a 2008. Foi desenvolvido mapeamento estatístico e análise de conteúdo. Ao analisar a dimensão do cotidiano, entende-se que mulheres e profissionais compreendem a violência como natural e habitual, demarcada no espaço domiciliar e nas relações conjugais estabelecidas entre homens e mulheres. As implicações da violência contra as mulheres resultam em agravos de ordem física e mental na saúde, constituindo uma violação dos direitos humanos e um problema de saúde pública a ser enfrentando pelos profissionais de saúde.

Palavras-chave: Enfermagem. Saúde da Mulher. Violência Contra a Mulher.

INTRODUÇÃO

A violência é um fenômeno complexo que tem, em suas raízes, a interação de fatores biológicos, sociais, econômicos e políticos. Sua definição perpassa noções de comportamentos aceitáveis e inaceitáveis em uma sociedade. É influenciada pela cultura e o contexto histórico de sua produção; também está submetida a contínua transformação, à medida que valores e normas sociais assumem novos significados⁽¹⁾.

A violência contra as mulheres compreende situações diversas, como violência física, sexual, psicológica e moral. As ações de violência são cometidas, na maioria das vezes, pelos próprios parceiros íntimos das mulheres. Os resultados dessas ações repercutem em perdas significativas na saúde e qualidade de vida dos envolvidos⁽²⁻³⁾.

Não se trata de fenômeno recente, exclusivo

do mundo contemporâneo, mas sim constitutivo da história da humanidade. A partir da década de 1990, tal situação foi somente reconhecida e denunciada por organizações e convenções internacionais como agravo à saúde pública e uma violação aos direitos humanos do segmento feminino^(2,4).

Compreender esse fenômeno do ponto de vista da saúde pública oferece caminhos para captar as muitas dimensões que a violência assume, no sentido de reconhecer seus aspectos sociais, epidemiológicos, psicológicos, jurídicos, e a necessidade de desenvolver respostas multisetoriais. No entanto, essa complexidade, é apontada por sua invisibilidade social, uma vez que não há um campo de intervenção e saberes que possa ser reconhecido como objeto específico de seu domínio⁽²⁾.

Os serviços de saúde configuram-se como locus para identificação da violência e

¹Recorte de projeto de mestrado intitulado “O vivido da mulher que denuncia a violência: perspectivas para Enfermagem a partir da fenomenologia social” vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)/RS. Bolsa CAPES.

*Enfermeira. Mestranda no Programa de Pós-Graduação de Enfermagem da UFSM. Vice-líder do Núcleo de Estudos sobre Mulheres, Gênero e Políticas Públicas do Departamento de Enfermagem da UFSM. E-mail: lebvieira@hotmail.com

**Enfermeira. Doutora. Professora Adjunta da UFSM. E-mail: stelamaris_padoin@hotmail.com

***Enfermeira. Doutora. Professora Adjunta da UFSM. Líder do grupo de pesquisa Cuidado à saúde das pessoas, famílias e sociedade da UFSM. E-mail: cris_depaula1@hotmail.com

acolhimento de suas demandas. Entretanto, o setor saúde nem sempre oferece uma resposta satisfatória para o problema, o qual acaba se diluindo em outros agravos, sem que se leve em consideração a intencionalidade do ato que gerou o estado de morbidade decorrente das ações de violência sofridas pelas mulheres. Retrata-se, assim, a invisibilidade da violência para os profissionais de saúde, dada a lacuna existente na sua formação acadêmica e educação permanente por parte dos serviços⁽⁴⁻⁵⁾.

Nessa perspectiva, compreende-se como dever da Enfermagem incorporar em suas práticas ações de enfrentamento e prevenção dos agravos nas situações de violência às mulheres, dada a magnitude da problemática. Assim, tem-se por objetivo: identificar a produção científica brasileira de Enfermagem na temática da violência contra as mulheres, descrever o cotidiano da violência e discutir as implicações na saúde da mulher.

MATERIAIS E MÉTODO

Trata-se de estudo de revisão narrativa de literatura. A busca bibliográfica foi desenvolvida na Biblioteca Virtual de Saúde (BVS-BIREME) na base de dados eletrônica Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS). Essa busca procedeu-se em julho de 2009, a partir das palavras “violência” and “mulher” or “mulheres”. A delimitação temporal foi de 1994 a 2008, com ponto inicial determinado pela Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher, ocorrida no ano de 1994, em Belém do Pará, a qual representa um marco em conquistas e visibilidade da temática. Foi composta uma população de 761 produções.

Os critérios de inclusão foram: artigo, disponibilidade do texto completo em suporte eletrônico, publicado em periódicos nacional, autoria de enfermeiros brasileiros. Os critérios de exclusão foram: teses, capítulos de teses, livros, capítulos de livros, anais de congressos ou conferências, relatórios técnicos e científicos e documentos ministeriais.

A partir da leitura prévia dos títulos e resumos, foram selecionados 138 artigos da área da saúde. Para o acesso ao texto completo, foram usados os seguintes recursos: *link* disponível

diretamente na base de dados LILACS, busca no portal do periódico em que o artigo foi publicado, busca no portal CAPES e buscador *Google*. Foi composta uma amostra de 37 artigos com texto completo disponível em suporte eletrônico e produções de autoria exclusiva de enfermeiros.

Para o mapeamento das produções científicas, utilizou-se uma ficha documental constituída das variáveis: ano de publicação; região da produção e tipo de estudo. Apresenta-se esse mapeamento na forma de frequências absoluta e relativa. Com os dados obtidos, desenvolveu-se o cruzamento com o período de publicação das produções, segundo a distribuição das produções a partir do estabelecimento de uma periodização quinzenal.

Para a análise dos artigos na íntegra, utilizou-se uma ficha de extração de dados composta das variáveis: objetivo; tipologia de violência; abordagem metodológica; método; cenário; sujeitos; resultados; categoria de análise (referencial).

Foi desenvolvida a análise de conteúdo, que conta com três etapas: pré-análise, exploração do material e interpretação dos resultados⁽⁶⁾. Efetuou-se leitura flutuante e fichamentos (ficha documental e ficha de extração de dados), possibilitando uma visão abrangente do conteúdo. A leitura integral do artigo possibilitou a transcrição dos resultados e de trechos significativos. A leitura exaustiva se deu pela releitura dos textos, quando foi desenvolvida a codificação cromática nos achados fichados. Foram elaboradas categorias temáticas, com referências dos autores e análise sintética dos textos, a fim de visualizar os textos de forma integrada, podendo relacioná-los e sintetizá-los, observando as convergências, divergências e semelhanças existentes sob a ótica de diferentes autores.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dentre os 37 artigos analisados na íntegra, verificou-se que a região brasileira de procedência dessas produções com maior destaque foi a Sudeste (54,1%), seguida pela Nordeste (29,7%), Sul (13,5%) e Centro-oeste (2,7%).

A distribuição da produção científica, segundo a variável tipo de estudo, demonstra que, no segundo quinquênio, houve um investimento nos relatos de experiências (67%). A partir do terceiro quinquênio, destacaram-se as pesquisas (71%) de modo ascendente.

Da análise de conteúdo, elaboraram-se duas categorias temáticas: cotidiano da violência contra as mulheres e implicações da violência na saúde das mulheres.

Cotidiano da violência contra as mulheres

O espaço domiciliar constitui o lócus da violência contra as mulheres. O âmbito privado é demarcado como espaço de ocorrência da violência conjugal e doméstica. É, portanto, nesse cenário que atos violentos perpetrados contra as mulheres se manifestam em suas mais variadas formas^(1,5).

No que tange aos questionamentos acerca de quem são os agressores, estudos revelam que, na violência intrafamiliar e doméstica, encontra-se a prevalência de agressão infligida pelo companheiro/marido ou ex-companheiro/marido. A identificação do marido/companheiro como agressor gera, por vezes, a vergonha e o medo de falar abertamente, porque co-habitam com esta violência^(5,7-8).

A invisibilidade da violência por parte da mulher e de outros segmentos da sociedade é evidenciada no espaço domiciliar. O modelo idealizado de família e casamento constitui uma particularidade que, além de tornar mais sérias as consequências negativas da violência, dificultam seu enfrentamento e contribuem para a manutenção da relação violenta, tendo a sua demarcação espacial reiterado tais situações⁽¹⁾.

Ao reportarem-se à família, estudos evidenciam as relações de poder entre homens e mulheres, que atribuem papéis ao segmento feminino. Esses papéis retomam a posição de mulher dentro do núcleo familiar, de mãe, educadora, dona de casa e esposa. Tal concepção, da mulher, vista do prisma das relações familiares, e tão cobrada pela sociedade e cultura vigente, sujeita as mulheres às normas impostas pelo seu companheiro-agressor^(1-2,9-10).

Dessa forma, a obediência ao homem, tido como autoridade máxima no núcleo familiar, reforça para a mulher sua situação de dependência ao marido, o que reitera a sua

posição submissa dentro da família tradicional. Revela-se que, na tentativa da mulher em alcançar sua autonomia, surgem sentimentos como: o de culpa por privar a família de um lar estável e a responsabilidade de manutenção desse lar, livre de brigas e desentendimentos. Tais circunstâncias geram decepção e baixa auto-estima, contribuindo para a desconstrução do modelo idealizado de casamento e de relação conjugal⁽¹⁻²⁾.

Tais dimensões encontram legitimidade nos alicerces das representações construídas socialmente e nas relações sociais travadas por homens e mulheres, trazendo implicações na vida e na saúde das mulheres não só no âmbito individual, como também no coletivo^(2,10-11).

O discurso das mulheres expressa a violência como um fator natural, comum em um casamento, decorrente do poder outorgado socialmente aos homens, incorporando naturalização às situações de violência. Como tal, a violência é banalizada e reduzida a uma consequência física curável e passageira, a um fenômeno do cotidiano, uma possibilidade sobre a qual nada se pode fazer⁽¹⁾.

A violência se faz habitual num corpo que é instrumento sinalizador – é nele que estão as marcas do seu modo de viver humano. As mulheres expressam a vivência de violência conjugal por um cotidiano imerso em conflitos constantes⁽³⁾.

Os episódios de violência são repetitivos e progressivamente mais graves, caracterizados por situações de cronicidade e periodicidade crescente. Essa exposição crônica pode, também, ser perpetuada pelas gerações de mulheres^(10,12). Nessa direção, as mulheres percebem a violência como um fenômeno consciente e previsível, implicada em um processo biopsicossociocultural específico como parte das relações de gênero⁽¹¹⁾.

Nesse ínterim, os matizes da violência contra as mulheres mesclam a imagem da mulher submissa, dominada, oprimida numa relação de inferioridade e dependência ao sexo masculino. Esses achados exprimem a submissão ao poder dos homens como a causa da violência sofrida pelas mulheres, reforçando a necessidade masculina de dominar o corpo da mulher^(4,13).

Estudos apontam as desigualdades de gênero como substrato da violência contra as mulheres.

O referencial teórico de gênero é visto como possibilidade de compreensão e aprofundamento da temática da violência, uma vez que implica em considerar as relações não apenas no seu aspecto biológico, mas constituintes de processos históricos e culturais⁽¹⁴⁻¹⁵⁾. As raízes da violência nas relações de gênero se situam nas próprias relações entre homens e mulheres, sendo a violência um aspecto perverso de tais relações, na medida em que anula a relação entre os dois sujeitos e reduz um dos pólos da relação à condição de objeto⁽¹⁴⁾.

A análise dessas relações mostra que o exercício do poder se dá de forma desigual entre os sexos: as mulheres ocupam posições subalternas e secundárias⁽¹⁴⁾. Assim, perceber a violência contra as mulheres não é apenas colocar o homem como agressor e culpado e a mulher como submissa e vítima, mas, sim, considerar como uma construção cultural apreendida na sociedade que se estabelece nas relações assimétricas de poder⁽¹⁵⁾.

No cotidiano das relações, o consumo de bebida pelo companheiro é apontado como o papel principal no conflito doméstico, o que leva a própria mulher a ver a embriaguez do companheiro como justificativa e atenuante para a violência sofrida. No discurso masculino, a associação da violência ao uso de álcool é utilizada como forma de explicar e, ao mesmo tempo, justificar sua conduta violenta, mediante os efeitos que essa substância produz⁽²⁻⁷⁻¹⁰⁻¹²⁾.

O uso ou dependência de drogas ilícitas também está relacionado com o acontecimento da violência, ora justificando, ora tentando compreender o que leva os agressores a cometerem tal ato⁽⁸⁻⁹⁻¹²⁾. O ciúme da companheira e a cultura machista também são referidos na produção científica como fatores desencadeantes das situações de violência contra as mulheres⁽⁸⁾.

Nessa abordagem, a violência física configura-se como um sinalizador às mulheres de que o agressor está no comando da relação. A forma de mostrar o poder sobre as mulheres é expressa, cotidianamente, na escolha de suas roupas, proibições de trabalho extradomicílio, decisão sob suas amizades e convívio com outras pessoas⁽¹³⁾.

Ao analisar os aspectos envolvidos no fenômeno da violência contra as mulheres na

dimensão do cotidiano, evidencia-se que mulheres e profissionais compreendem a violência como natural e habitual, demarcada no espaço domiciliar e nas relações conjugais estabelecidas entre homens e mulheres.

As implicações da violência na saúde das mulheres

Estudos partilham a percepção das mulheres em situação de violência, estes apontam que as mesmas expressam viverem sob uma ameaça constante de tal situação. Expressam ainda a vivência da violência por sintomas de ordem física, descritas em sintomas de doenças e revestidas de um grande sofrimento moral⁽²⁻³⁾.

Como consequências físicas da violência, apresentam-se as lesões corporais, contusões, edemas, hematomas, queimaduras, lacerações, escoriações, danos oculares, fadiga crônica, síndrome do intestino irritável. Como consequências sexuais e reprodutivas, aparecem distúrbios ginecológicos, infertilidade, doenças inflamatórias pélvicas crônicas, complicações na gravidez, abortos espontâneos, doenças sexualmente transmissíveis (DST), gravidez indesejada, além de morte fetal e materna⁽¹⁶⁻¹⁷⁾.

Ainda no tocante à violência sexual, há um alto índice de mulheres que eram virgens no momento da violência e tiveram o primeiro contato sexual nesse momento. Outra implicação está no elevado índice de mulheres que sofrem violência sem estarem protegidas por nenhum tipo de método contraceptivo. Isso evidencia a vulnerabilidade à gravidez a que estavam expostas e o risco de adquirir alguma DST⁽¹⁸⁾.

As mulheres em situação de violência apresentam maior vulnerabilidade a outras formas de violência, a distúrbios psicológicos, a afecções ginecológicas e do trato geniturinário, a dilacerações, as DST, a gravidez e traumatismos⁽¹⁵⁾.

Estudos abordam a violência num período específico da vida das mulheres: o período gestacional. Para profissionais de saúde, a gestação, quando indesejada configura-se como provável causa da violência. No entanto, mesmo diante de uma gestação planejada a violência pode favorecer o surgimento de agravos na gestação. Dessa forma, as implicações da violência não somente incidem na saúde da mulher, como também do bebê e da família⁽¹⁹⁻²⁰⁾.

Os fatores associados a violência doméstica na gestação são: problemas psicossociais e psiquiátricos da mulher, hábitos e vícios do parceiro, idade do parceiro, gravidez na adolescência ou gravidez indesejada na fase adulta, DST e o uso de drogas⁽²⁰⁾. Dessa forma, a gravidez pode configurar ora um fator de risco, ora um fator de proteção à mulher em situações de violência doméstica. Nesse contexto, as repercussões na saúde materna e pediátrica constituem-se como importantes nos índices de morbimortalidade perinatal⁽¹⁹⁾.

Estudos sublinham as implicações da violência no campo tanto da saúde física quanto da saúde mental. O acúmulo de sofrimentos e a dificuldade em exteriorizar seus problemas refletem não só na saúde física, como também na psicológica e emocional^(5,12,14,18).

Entre as consequências psicológicas e comportamentais está o uso de álcool e drogas, depressão, ansiedade, distúrbios na alimentação e no sono, baixa autoestima, fobias e síndrome do pânico, tabagismo, comportamentos suicidas e autoflagelo⁽¹⁶⁾.

No prisma da violência como risco de vida, alguns estudos conduzem a discussão para a dificuldade de reconhecimento da violência. As vítimas só a reconhecem quando a violência física torna-se grave e o risco de morte iminente^(7,13). A orientação de abordagens com relação ao comprometimento no sofrimento psíquico nas mulheres expõe o risco de suicídios dessa parcela do segmento feminino⁽⁷⁾.

As implicações da violência contra as mulheres acarretam em agravos de ordem física e mental na saúde, constituindo uma violação dos direitos humanos e também um problema de saúde pública a ser enfrentado pelos profissionais de saúde.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender o cotidiano da violência contra as mulheres implica em considerar suas dimensões habitual e natural e a demarcação no

espaço privado. Tais considerações que emergiram neste estudo permitiram apontar os nexos e a interdependência das circunstâncias individuais, coletivas e sociais condicionantes nas relações do feminino e masculino. Dessa forma, a complexidade dos vários fatores envolvidos remete à necessidade de não só dar visibilidade à problemática no âmbito da saúde, como também reconhecer como uma violação dos direitos no âmbito da sociedade.

(Re)pensar as implicações da violência contra as mulheres na saúde dos envolvidos requer um olhar atento dos profissionais e serviços de saúde para a promoção de uma assistência resolutive. Vislumbra-se, assim, a importância e necessidade de equipe profissional qualificada, a qual tenha, nas redes de apoio do Estado, dos serviços de saúde, da comunidade e da família, subsídios para enfrentamento dessa problemática.

Salienta-se, assim, o papel da enfermagem, como prática que se envolve com questões políticas e sociais, de reconhecer e de compreender o processo saúde-doença das mulheres em situação de violência. Compreender os significados da violência, buscando contemplar a mulher no seu cotidiano, aproxima-nos de seu contexto, promove espaços de diálogo e possibilita um cuidado de enfermagem pautado nos referenciais dos direitos humanos e cidadania, conforme preconiza a atual política pública de atenção às mulheres do país.

Vale considerar os limites deste estudo, que acessou somente a base de dados LILACS com seleção de produções brasileiras de enfermagem com texto completo em suporte eletrônico. Aponta-se a possibilidade de ampliação dessa investigação, que contemple outras bases de dados nacionais e internacionais, bem como outras áreas de conhecimento que confirmem contribuições para o campo de ação e produção do conhecimento na temática de violência contra as mulheres.

THE QUOTIDIAN AND IMPLICATIONS OF VIOLENCE AGAINST WOMEN: A NARRATIVE REVIEW OF BRAZILIAN NURSING SCIENTIFIC PRODUCTION, 1994-2008

ABSTRACT

The violence is a complex phenomenon that has, in its roots, the interaction of biological, economical, social, historical, ethical and political factors. The objectives of this study were to identify the Brazilian scientific production regarding violence against women; describe the quotidian of such violence; and discuss its implications in women's health. It is a narrative review of literature in articles in the LILACS databases searching for the words "violência" [violence] AND "mulher" [woman] OR "mulheres" [women] from 1994 to 2008. The data was submitted to statistical treatment and content analysis. In the analysis of the daily dimension it was understood that women and professionals have the comprehension that violence is natural and habitual. This violence is limited in the home space and in the domestic relationships established between men and women. The implications of violence against women result in harm to physical and mental health, and it is a violation of human rights and a public health problem that needs to be faced by the health professionals.

Key words: Nursing. Women's Health. Violence Against Women.

COTIDIANO E IMPLICAÇÕES DE LA VIOLENCIA CONTRA LAS MUJERES: REVISIÓN NARRATIVA DE LA PRODUCCIÓN CIENTÍFICA DE ENFERMERÍA. BRASIL, 1994-2008

RESUMEN

La violencia es un fenómeno complejo que tiene, en sus raíces, la interacción de factores biológicos, económicos, sociales, culturales, históricos, éticos y políticos. Los objetivos de este estudio fueron identificar la producción científica brasileña de Enfermería en la temática de la violencia contra las mujeres; describir el cotidiano de la violencia y discutir las implicaciones en la salud de la mujer. Se trata de un estudio de revisión narrativa de literatura, con búsqueda de los artículos por la base de datos LILACS, con las palabras "violencia" y "mujer" o "mujeres", en el período de 1994 a 2008. Fue desarrollado un levantamiento estadístico y análisis de contenido. Al analizar la dimensión del cotidiano, se entiende que mujeres y profesionales comprenden la violencia como natural y habitual, demarcada en el espacio domiciliario y en las relaciones conyugales establecidas entre hombres y mujeres. Las implicaciones de la violencia contra las mujeres resultan en agravios de orden física y mental en la salud, constituyendo una violación de los derechos humanos y un problema de salud pública a ser enfrentado por los profesionales de salud.

Palabras clave: Enfermería. Salud de la Mujer. Violencia Contra la Mujer.

REFERÊNCIAS

- Guedes RN, Silva ATMC, Coelho EACC, Silva DACC, Freitas WMF. A violência conjugal sob o olhar de gênero: dominação e possibilidade de desconstrução do modelo idealizado hegemonicamente de casamento. *Online Braz. J. Nurs.* 2007 set-out; 6(3). [citado em 22 jul 2010]. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-71672009000500003&script=sci_arttext.
- Jong LC, Sadala MLA, Tanaka ACDA. Desistindo da denuncia ao agressor: relato de mulheres vítimas de violência doméstica. *Rev Esc Enferm USP.* 2008; 42(4):744-51.
- Monteiro CFS, Souza IEO. Vivência da violência conjugal: fatos do cotidiano. *Texto & contexto enferm.* 2007; 16(1):26-31.
- Lettiere A, Nakano MAS, Rodrigues DT. Violência contra a mulher: a visibilidade do problema para um grupo de profissionais de saúde. *Rev Esc Enferm USP.* 2008; 42(3):467-73.
- Rotania AA, Dias IMV, Souza KV, Wolf LR, Reis LB, Tyrrell MAR. Violência contra a mulher: o perigo mora da porta para dentro. *Esc. Anna Nery.* 2003; 7(1):114-25.
- Bardin L. *Análise de conteúdo.* Lisboa: Edições 70; 2008.
- Vieira LJES, Pordeus AMJ, Ferreira RC, Moreira DP, Maia PB, Saviolli KC. Fatores de risco para violência contra a mulher no contexto doméstico e coletivo. *Saude Soc.* 2008 jul-set;17(3):113-25.
- Leôncio KL, Baldo PL, João VM, Biffi RG. O perfil de mulheres vitimizadas e de seus agressores. *Rev. enferm. UERJ.* 2008; 16(3):307-12.
- Signori M, Madureira VSF. A violência contra a mulher na perspectiva de policias militares: espaço para a promoção da saúde. *Acta Sci Health Sci.* 2007; 29(1):7-17.
- Alves SLB, Diniz NMF. "Eu digo não, ela diz sim": a violência conjugal no discurso masculino. *Rev Bras Enferm.* 2005; 58(4): 387-92.
- Guzmán YER, Tyrrell MAR. Construyendo un lenguaje incomun en mujeres víctimas de violencia conjugal. *Esc. Anna Nery.* 2008; 12(4):679-84.
- Bonifaz RGV, Nakano AMS. La violencia intrafamiliar, el uso de drogas en la pareja, desde la perspectiva de la mujer maltratada. *Rev Lat Am Enfermagem.* 2004; 12(número especial):433-8.
- Porto JRR, Luz AMH. Matizes da violência contra a mulher: conhecendo o fenômeno. *Rev. gauch. enferm.* 2004; 25(2):207-18.
- Andrade CJM, Fonseca RMGS. Considerações sobre violência doméstica, gênero e o trabalho das equipes de saúde da família. *Rev Esc Enferm USP.* 2008; 42(3):591-5.
- Almeida LCG, Diniz NMF. Violência sexual: desvelando a realidade que acomete as mulheres. *Rev.*

enferm. UERJ.. 2004; 12:88-94.

16. Casique LC, Furegato ARF. Violência contra mulheres: reflexões teóricas. Rev Lat Am Enfermagem. 2006; 14(6):950-6.

17. Rückert TR, Lima MAS, Marques GQ, Garlet ER, Pereira WAP, Acosta AM. Assistência em unidades básicas de saúde às vítimas de violência na concepção de enfermeiras. Cienc. cuid. saude. 2008; 7(2):180-86.

18. Diniz NMF, Almeida LCG, Ribeiro BCS, Macêdo VG.

Mulheres vítimas de violência sexual: adesão á quimioprofilaxia do HIV. Rev Lat Am Enfermagem. 2007; 15(1):7-12.

19. Medina ABC, Penna LHG. A percepção de enfermeiras obstétricas acerca da violência intrafamiliar em mulheres grávidas. Texto & contexto enferm. 2008; 17(3):466-73.

20. Rodrigues DT, Nakano AMS. Violência doméstica e abuso de drogas na gestação. Rev Bras Enferm.. 2007; 60(1):77-80.

Endereço para correspondência: Letícia Becker Vieira. Rua General Neto, 592, apto 202, Centro. Santa Maria-RS. CEP: 97015-240. E-mail: lebvieira@hotmail.com

Data de recebimento: 05/01/2010

Data de aprovação: 14/05/2010